

Mulheres na construção de Brasília – Muitas histórias para contar

Tânia Fontenele¹

No início de Brasília, eram poucas mulheres, mas a gente valia por mil. A gente fazia de tudo. Era um desafio viver sem água e luz, numa cidade toda em construção. Valeu a pena tanto sacrifício para ver nascer a nova capital do Brasil. Pena que a gente não é lembrada...”

Maria Luíza Mendes (2010) chegou em 1958 em Brasília²

A historiografia sobre a construção da nova capital do Brasil, Brasília, é marcada pela exaltação da performance do presidente Juscelino Kubitschek (JK), dos arquitetos Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, do paisagista Burle Marx e dos candangos (trabalhadores das obras), todos homens. Raramente as mulheres foram lembradas ou mencionadas nesse momento histórico.

Nossa pesquisa apresenta dados coletados para a realização do filme documentário *Poeira e Batom no Planalto Central – 50 mulheres na construção de Brasília*, em que se evidencia a existência de significativo número de mulheres que trabalhavam em vários ofícios: lavadeiras, professoras, cozinheiras, prostitutas, engenheiras, parteiras, administradoras dos escritórios das obras, donas de casa, dentre outras profissões.

Elas trabalharam em condições precárias, moraram em casas de madeira ou acampamentos improvisados, sem água e luz. Sacrificaram-se no meio da poeira das construções para a consolidação de Brasília e, no entanto, raramente foram lembradas. Discute-se, nesse trabalho, a necessidade de valorização da memória oral das mulheres que participaram da construção de Brasília e a visibilidade do trabalho feminino, fato recorrentemente ocultado na historiografia da nova capital do Brasil.

A construção de Brasília é apresentada como uma das faces do “novo” Brasil, sendo atribuído o adjetivo de cidade revolucionária justamente porque representava a superação de um contexto social, político e, principalmente, econômico na década de 1960. Representava um marco desenvolvimentista proporcionado com a transferência da capital, localizada próxima do mar (Rio de Janeiro), para o centro do Brasil. Essa

¹ Doutoranda em História Social – Sociedade, Política e Cultura – Universidade de Brasília – UnB – Brasil. Pesquisa: *Memórias Femininas da construção de Brasília – Uma análise a partir do filme Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília*.

² Depoimento Maria Luíza Mendes (parteira/cozinheira – chegou a Brasília em 1958) – *Filme Poeira e Batom – 50 mulheres na construção de Brasília*. 58 min. 2010. Direção Tânia Fontenele

mudança estimulou a abertura de estradas, postos de trabalhos para homens e mulheres, e a conquista de um espaço geográfico considerado desértico.

Tratava-se de construir uma cidade toda planejada no centro do Brasil, com projeto dos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, que são considerados referência internacional por sua importância e inovadora proposta urbanística e arquitetônica. Em menos de quatro anos, a cidade foi erguida no centro do Brasil, numa área desabitada para implementar o desenvolvimento social e econômico dessa região. Brasília representou, para o governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956/1961), a maneira mais rápida e eficaz de desenvolver o interior, de modernizar e integrar o país, enfim, de corrigir e reordenar o curso de nossa história, num processo logo intitulado “a construção de um novo Brasil” (OLIVEIRA, 2005, p. 22).

Buscar vestígios da participação das mulheres na história da construção de Brasília é um desafio de investigação e interpretação. Faz refletir, de maneira mais aprofundada, o lugar da “mulher” como sujeito e objeto do conhecimento histórico. Nesse sentido, em 2009/2010, com a proximidade da celebração dos 50 anos da inauguração de Brasília, percebe-se que seria a oportunidade de rever a historiografia oficial, propondo questionar a ausência de narrativas sobre a participação das mulheres na história da nova capital do Brasil.

Questionavam-se os motivos do “esquecimento ou apagamento” de narrativas sobre a participação das mulheres na história da nova capital do Brasil e o consequente silenciamento do feminino na história de Brasília. Desta forma, iniciou-se o projeto de filmagem denominado *Mulheres Invisíveis da construção de Brasília*, com o intuito de entrevistar 50 mulheres que chegaram nos primórdios da cidade, entre 1956 e 1960, recuperando suas memórias enquanto estivessem vivas.

Nascia, assim, pesquisa que culminaria com a realização do filme documentário *Poeira e Batom no Planalto Central – 50 mulheres na construção de Brasília*, apresentando detalhes da criação da nova capital do Brasil e trazendo a perspectiva das primeiras mulheres que chegaram à cidade. O filme *Poeira e Batom* foi editado em 58 minutos, a partir das 60 horas de registros filmográficos, com direção de Tânia Fontenele (2010)³.

Escrever a história incluindo as mulheres é sair do silêncio de onde por muito tempo elas estiveram confinadas, fazendo romper o apagamento de sua atuação na memória social, de acordo as lições de Michelle Perrot (2015, p.34), cujas palavras

questionam como foi possível escrever a história sem as mulheres: “A primeira história que gostaria de contar é a história das mulheres. Hoje em dia ela soa evidente. Uma história “sem as mulheres” parece impossível. Entretanto, isso não existia. Por que isso? Por que esse silêncio?”. Michelle Perrot (2015, p. 16) sublinha que “o silêncio da história em relação às mulheres seria mais profundo pela forma que os relatos históricos são apresentados”.

Concordo com a historiadora (2015, p. 16) ao afirmar que, recorrentemente, as mulheres são apresentadas historicamente “apenas como elementos figurativos”. Nesse sentido, cabe ressaltar que o tema da invisibilidade das mulheres na história vem à tona com maior ênfase por intermédio dos estudos feministas, que efetivamente iniciaram uma ressignificação do conceito do feminino, deixando de “lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade, para ser social, cultural e historicamente questionado”, conforme Margareth Rago (2013, p.25).

Ao evocar as memórias das mulheres pioneiras que chegaram para a construção de Brasília, pretende-se contribuir para reverter o silêncio historiográfico praticado sobre o papel feminino na fase inicial da cidade. Seus depoimentos ajudam a compor a imagem do cotidiano de quem colaborou na empreitada da construção de Brasília. Trata-se de um conjunto de narrativas heterogêneo, composto de memórias coletivas sobre o início de Brasília, construídas por mulheres que pertenciam a classes sociais e contextos culturais distintos, bem como migrantes provenientes de diferentes regiões brasileiras e países (Japão, Síria, Espanha e Alemanha).

Percebeu-se urgência de realizar a pesquisa, uma vez que essas mulheres pioneiras, na sua maioria, permaneceram anônimas na historiografia da cidade e estavam com idade avançada (entre 76 a 92 anos), algumas com graves problemas de saúde. Corria-se o risco de perda irreparável de uma parte das “memórias orais femininas” do início da nova capital do Brasil. Nosso maior objetivo era poder coletar depoimentos, dados históricos e aprofundar as análises enquanto elas estivessem vivas, preservando e valorizando efetivamente suas memórias.

Por meio de suas memórias, essas mulheres, em suas narrativas, contam sobre o cotidiano da gênese de Brasília, no final da década de 1950 e início da década de 1960. Essas mulheres relembram o dia a dia das primeiras moradias improvisadas dos acampamentos das construtoras, ou nas cidades que foram sendo criadas próximas às obras da construção de Brasília. Com frequência, utilizam nas narrativas os termos “vida nova”, “realização de sonhos”, “poucas mulheres”, “poeira”, “falta tudo”,

“vazio”, “a solidariedade me salvou”, “abnegação”, “sofrimento não mata”, “coragem para vencer”, “solidão”, “comunhão de todos”, “esperança”, “ajuda mútua”, “Brasília, a capital da Esperança”.

Iniciou-se esse projeto sobre as *Memórias Femininas da construção de Brasília* com muitas perguntas: por que, nas publicações sobre Brasília, as mulheres nunca eram mencionadas? Qual seria a percepção das mulheres que chegaram nessas “terras longínquas e cheias de poeira do Planalto Central”? Como seria retratar a história de Brasília do ponto de vista das mulheres? Como seria a vida de uma mulher numa cidade em construção? Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas? O fato de “ser mulher” numa cidade onde a maioria da população era composta por homens trabalhadores que vieram aos milhares para construção da nova capital impactava no seu cotidiano?

Ao criar condições para o registro e valorização das memórias coletivas de mulheres sobre a construção de Brasília, evidenciando o olhar feminino sobre os fatos históricos da cidade, quebrou-se uma lógica predominante da narrativa masculina do processo da construção da cidade, a partir da qual usualmente a historiografia oficial foi escrita e publicada.

Relatos das mulheres sobre o desconforto e a precariedade da vida nessa fase inicial da cidade são frequentemente evocados nas entrevistas. A arquiteta Helena Siqueira (2010), a comerciante Salam Kouzak (2010) e as professoras Teresinha Carvalho (2010) e Marta Cintra (2009) narram suas memórias ao chegarem à Cidade Livre⁴:

Cheguei em 1958, não havia quase nada na Cidade Livre. Vi aquele descampado, casinhas pequenas de madeira, muita poeira. Foi amor à primeira vista. Depois de uma viagem de Jeep do Rio até Brasília, demoramos dez dias para chegar, percorremos estradas que nem estavam construídas, tivemos que muitas vezes derrubar árvores no meio do caminho. Passamos por muitos perigos. Quando chegamos em Goiânia ninguém acreditava que havíamos vindo de tão longe. (HELENA M.V.S. CARVALHO, arquiteta, 2010)

Na cidade faltava tudo, não tinha água ou luz, quase não tinha asfalto, cheirava a piche em algumas áreas e os barracos da Novacap eram todos pintadinhos de azul. (TERESINHA CARVALHO, lavadeira, 2010).

Quem fala mal do início de Brasília não sabe de nada e mostra muito preconceito. Havia muito respeito e solidariedade, apesar de toda a

⁴ Denominação dada para a primeira cidade de caráter provisória criada para acolher os trabalhadores da construção de Brasília

precariedade. Me sentia colaborando para a construção de um Brasil melhor e não sentia medo de coisa alguma. (SALAM KOUZAK, comerciante, 2010)

Na Cidade Livre tudo era muito simples, poeira vermelha em todos os lugares. Andava tranquila pelas obras, não escutava piadinhas, nada! Pegava carona sem medo, era como se fosse da família dos motoristas. Sinto saudades desse tempo do início de Brasília. Muito idealismo, uma utopia que estávamos ajudando a realizar. Brasília era linda no meio da poeira das construções. Moderna, diferente de tudo o que se viu no Brasil. (MARTA CINTRA, professora, 2010)

Cabe mencionar que, no Brasil da época da inauguração de Brasília, as conquistas sociais e trabalhistas para as mulheres ainda eram muito limitadas. Prevaleciam as representações sociais tradicionais – mãe, família, dona de casa exemplar –, permanecendo atreladas, na sua grande maioria, ao espaço privado – ao doméstico.

Conforme relato de Iara Pietricovsky de Oliveira (2010), as mulheres romperam com muitos preconceitos aceitando o desafio de vir para Brasília, toda em construção:

Brasília era símbolo do novo, aqui não se tinha o controle que nós mulheres estávamos acostumadas nas outras cidades. O comportamento social no Brasil naquela época era completamente conservador e machista. Na verdade, não se percebia socialmente o quanto as mulheres eram subjugadas e silenciadas sobre sua importância social. Brasília foi construída com o conceito do moderno e com inovadoras concepções educacionais e de gênero, ninguém se conhecia, mas todo mundo se unificava naquele novo e gerava novos padrões de comportamento.

Ao dialogar com as primeiras mulheres de Brasília, percebeu-se exatamente esse processo do recontar a “história da história” pelo ponto de vista das mulheres. Assim, foi possível refletir sobre a importância das mulheres no processo inicial de formação e de transformação das relações sociais na construção de Brasília. Elas mostravam que foram capazes de romper rígidos processos impostos socialmente às mulheres, e com suas memórias, foi possível perceber suas lutas e conquistas, exibindo a “história não contada” na historiografia oficial de Brasília.

Cabe ressaltar que a quantidade de mulheres era proporcionalmente menor em relação aos homens. Porém, apesar de terem participado efetivamente da história da construção da nova capital do Brasil, elas raramente foram lembradas ou mencionadas nas narrativas históricas de Brasília. Nesse sentido, destaca Carlos Madson Reis (2015, p.13):

A historiografia, construída ao longo do tempo, quer nos fazer acreditar que, em um universo de quase 60 mil trabalhadores, não existiam mulheres. Como se fosse possível, sem a participação feminina, idealizar e construir a nova capital do Brasil, no meio do nada e a 1,2 mil km do litoral. Portanto, é preciso desfazer esse falso enredo [...] quanto para substituir o imaginário machista que predomina sobre esse evento basilar da história do Brasil.

Pode-se afirmar que Brasília tem dívida histórica com suas mulheres, particularmente com aquelas que participaram da fase inicial da construção da capital, e de quem pouco se fala. Essas “mulheres pioneiras de Brasília foram envoltas em misterioso véu de invisibilidade perante a história oficial, criando-se a falsa impressão de que não estavam aqui, naquele momento seminal da cidade, lado a lado com os homens, lutando e se sacrificando pela materialização da obra” (Madson Reis, 2015, p.13).

Ao criar condições para o registro e valorização das memórias femininas da construção de Brasília, evidenciando o olhar feminino sobre os fatos históricos da cidade, quebrou-se uma lógica predominante da narrativa masculina do processo da construção de Brasília, na qual usualmente a historiografia oficial foi escrita e publicada. Pode-se, assim, colaborar para o aprofundamento da “história das mulheres de Brasília”, apresentando com maior ênfase temas antes relegados, como: violência contra as mulheres, relações desiguais entre homens e mulheres, maternidade, novas relações de gênero e a precariedade das moradias nos acampamentos de madeira.

Reconhecer a participação das mulheres no processo da construção de Brasília é relevante para evidenciar o quanto a história oficial da nova capital do Brasil precisa ser revisada, gerando uma reorganização de suas representações. Cabe conferir visibilidade pública à presença das mulheres nessa história, preservando a memória da cidade e contribuindo para a retirada da invisibilidade de suas atuações na memória social. Assim sendo, dá-se um passo importante para que o silenciamento historiográfico praticado em relação às mulheres da construção de Brasília seja algo do passado.

Referências Bibliográficas

FONTENELE, Tânia M. (2010). *Poeira e Batom no Planalto Central - 50 mulheres na construção de Brasília*. Brasília: Athalaia: 2010.

OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: o mito da trajetória da nação*. Brasília: Paralelo 15, 2005.

PERROT, Michelle. (2015). *Minha História das Mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto.

RAGO, Margareth (2000). *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, M Pilar (Orgs). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora Mulheres. p.21-42.

REIS MADSON, Carlos. *Mulheres Invisíveis*. Correio Brasiliense, Brasília, p.13, 20 Abr. 2015.

Entrevistadas do filme Poeira e Batom. [Entrevista cedida a] Tânia Fontenele. Brasília, 2010. 1 arquivo. Mp3

CARVALHO, Helena Maria Viveiros de Sousa
CINTRA, Marta
KOUZAK, Salam
MENDES, Maria Luíza
OLIVEIRA, Iara Pietricovsky de